

**ESCOLA DE SARGENTO DAS ARMAS  
ESCOLA SARGENTO MAX WOLF FILHO  
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM INFANTARIA**

ANDERSON MARQUES BATISTA DE BRITO

ARTHUR ROSA MOTTA

DANIEL GUIMARÃES CHAVES

JOÃO FELIPE DA ROCHA

JOÃO MANOEL RIBEIRO THIAGO

LUCAS GALDINO DE FREITAS

RENAN SALGUEIRO DIAS

A EVOLUÇÃO DO RECONHECIMENTO EM FORÇA REALIZADO PELO GRUPO DE  
COMBATE

**TRÊS CORAÇÕES – MG**

**2022**

ANDERSON MARQUES BATISTA DE BRITO

ARTHUR ROSA MOTTA

DANIEL GUIMARÃES CHAVES

JOÃO FELIPE DA ROCHA

JOÃO MANOEL RIBEIRO THIAGO

LUCAS GALDINO DE FREITAS

RENAN SALGUEIRO DIAS

A EVOLUÇÃO DO RECONHECIMENTO EM FORÇA REALIZADO PELO GRUPO DE  
COMBATE

Projeto de pesquisa do Curso Superior de Tecnologia em Infantaria apresentado à Escola de Sargentos das Armas como requisito para a obtenção do título de Tecnólogo em Ciências Militares

Orientador: 1º Ten Lucas Augusto Gomes Mesquita da Silva

Área de concentração: Ciências Militares

**TRÊS CORAÇÕES – MG**

**2022**



**ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS  
ESCOLA SARGENTO MAX WOLF FILHO**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

ANDERSON MARQUES BATISTA DE BRITO

ARTHUR ROSA MOTTA

DANIEL GUIMARÃES CHAVES

JOÃO FELIPE DA ROCHA

JOÃO MANOEL RIBEIRO THIAGO

LUCAS GALDINO DE FREITAS

RENAN SALGUEIRO DIAS

**A EVOLUÇÃO DO RECONHECIMENTO EM FORÇA REALIZADO PELO GRUPO DE  
COMBATE**

Projeto de pesquisa do Curso Superior de Tecnologia em Infantaria apresentado à Escola de Sargentos das Armas como requisito para a obtenção do título de Tecnólogo em Ciências Militares.

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

APROVADO ( ) REPROVADO ( )

**BANCA EXAMINADORA**

---

Membro: 2º Ten Dione Aparecido Ferreira da Silva

---

Membro: 2º Ten Miriam Kelly de Souza Venancio

---

Orientador: 1º Ten Lucas Augusto Gomes Mesquita da Silva

## **RESUMO**

Durante a Primeira Guerra Mundial, momento caótico da história mundial, houve o surgimento do Grupo de Combate (GC). Este Grupo foi desenvolvido para facilitar o movimento das pequenas frações no campo de batalha, tornando assim, uma unidade tática básica comandada por um Sargento. Este trabalho tem como proposta fundamental agregar conhecimento, contribuir para o entendimento e servir de fonte de pesquisa para futuros alunos e pesquisadores do âmbito civil ou militar. Dessa forma, abrange diversos conceitos relacionados ao Grupo de Combate e sua atuação. O trabalho busca analisar no âmbito das operações militares a importância da utilização dos Grupos de Combate em Operações de Reconhecimento em Força. Além disso, tem a finalidade de demonstrar, compreender e expor as práticas e doutrinas militares. Foi utilizado como principal base teórica e bibliográfica os Manuais de Campanha e Cadernos de Instrução do Exército Brasileiro. A abordagem metodológica utilizada foi a Pesquisa Bibliográfica por meio de coleta de material elaborado anteriormente por outros autores, pesquisas na internet, em revistas, artigos e manuais militares. Dessa forma, é esperado que este trabalho contribua para o leitor, seja ele militar ou não, como fonte de informação acerca do Grupo de Combate e sua atuação em missões de reconhecimento em força.

**Palavras-chave:** Grupo de Combate. Reconhecimento em Força. Infantaria.

## **ABSTRACT**

During the First World War, a chaotic moment in world history, there was the beginning of the Combat Group. It was developed to facilitate the movement of small fractions on the battlefield, thus making it a basic tactical unit, commanded by a Sergeant. This work aims to add fundamental knowledge, contribute to the understanding and serve as a source of research for future students and research of civil or military regulation. Thus, it covers several concepts related to the Combat Group and its performance. The paper analyzes the importance of the use of Combat Groups in military Force Reconnaissance operations. In addition, it aims to demonstrate, understand and expose military practices and doctrines. The main theoretical and bibliographic basis was the Campaign Manuals and Instruction Notebooks of the Brazilian Army. The methodological approach used was the Bibliographic Research of material previously collected by other authors, internet searches in magazines, articles and military manuals. Thus, it is expected that this work will contribute to the reader, whether military or not, as a source of information about the Combat Group and their performance in reconnaissance missions in force.

**Keywords:** Combat Group. Force Reconnaissance. Infantry.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2. JUSTIFICATIVA</b> .....	10
<b>3. OBJETIVOS</b> .....	11
<b>OBJETIVO GERAL</b> .....	11
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b> .....	11
<b>4.1 Referencial Teórico</b> .....	12
<b>4.2 Metodologia</b> .....	14
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	21

## 1. INTRODUÇÃO

A 1ª Guerra Mundial foi um momento horrível na história, entretanto, é inegável as lições aprendidas, tanto socialmente quanto militarmente. Nesse combate, o movimento dos grupos era dificultado devido ao surgimento das armas automáticas e, em meio ao caos, houve o surgimento do grupo de combate. Naquele momento as armas mais utilizadas eram as metralhadoras pesadas, que limitavam os movimentos dos grupos. Após essa nova implementação, fez-se necessário a adoção de armas mais leves para que as pequenas frações pudessem realizar suas missões. Dessa maneira, o grupo de combate (GC) se tornou uma unidade tática básica. (POTOCNIK, 2018)

Um Grupo de Combate pode ser destinado a cumprir diversas missões, dentre elas a de reconhecimento em força, função essa que possui grande valia no combate. A intenção desse grupo é realizar reconhecimento em territórios inimigos com a finalidade de levantar informações e dados sobre forças adversas. O GC quando empregado nesse tipo de missão tem por objetivo informar-se sobre efetivo, armamento, uniforme, equipamento e instalações. Esse grupo possui grande importância, pois é ele quem traz as informações necessárias para que um efetivo maior, seja ele um pelotão, companhia ou batalhão possa realizar um planejamento detalhado e posteriormente realizar a operação concluindo-a com sucesso. Entretanto, esse tipo de patrulha sofreu várias mudanças ao decorrer dos anos, devido ao avanço da tecnologia, do surgimento de novos armamentos, viaturas modernas e equipamentos, como o drone, ferramenta que pode auxiliar a tropa nesse tipo de reconhecimento, podendo chegar a lugares de alto risco para um grupo de combate.

Em conformidade com a evolução tecnológica, nos últimos anos, o Exército Brasileiro tem realizado estudos para mudança de suas estruturas, dentre várias, destaca-se o grupo de combate, visto que cada vez mais o seu emprego está maior. Para isso a modernização e especialização do sargento se faz necessária, já que o seu dispositivo consegue ser empregado em locais que um pelotão, por exemplo, chamaria demasiada atenção da população. Dentre vários cenários, o emprego do grupo de combate nas operações de reconhecimento em força tem grande importância, de modo que seu emprego torna-se decisivo para o sucesso de uma operação. A negligência em tempos antigos quanto ao uso do grupo de combate em operações de grande vulto mostra que houve um estudo no decorrer dos anos a fim de valorizar o grupo de combate com o seu líder, que é um 3º Sargento.

A utilização do grupo de combate em várias missões recentes mostrou-se necessário analisar o uso das pequenas frações no âmbito das operações militares de grande vulto e a importância dessa fração em operações de reconhecimento em força, para que possam ser utilizadas em operações futuras. Assim, este artigo levanta um questionamento sobre sua evolução e importância para as atividades militares, praticado por meio da utilização do grupo de combate.

Dessa forma uma grande base de estudo foi levantada, para gerar uma nova doutrina ou por vezes atualizar os estudos presentes, através de experiências acumuladas nas últimas operações, como no Haiti, na Copa do Mundo e da atuação das tropas na intervenção militar no Rio de Janeiro.



## **2. JUSTIFICATIVA**

Nos manuais militares existem muitas informações sobre os grupos de combate e sobre as operações de reconhecimento em força. Entretanto, existe uma carência de informações que relacionem os dois conceitos de modo a explicar a importância e o emprego desses grupos de combate nessas operações.

Dessa forma, este trabalho possui grande importância para os estudos militares, principalmente para aqueles que exercem função de comando, considerando que, no âmbito dos conflitos modernos, as missões de reconhecimento em força executadas pelos grupos de combate são de fundamental importância para as operações militares, visto que as informações obtidas durante essas ações podem definir todo o contexto de uma guerra.

O trabalho, portanto, contribuirá para complementar os estudos de todos os alunos de escolas militares e comandantes de pequenas frações, possibilitando um melhor emprego tático e uma melhor compreensão das técnicas, táticas e procedimentos (TTP) empregados durante as operações de reconhecimento em força assim como suas possibilidades de manobras e atividades relacionadas num âmbito geral.

### **3. OBJETIVOS**

#### **OBJETIVO GERAL**

- Analisar no âmbito das operações militares, a importância da utilização dos Grupos de Combate em operações de reconhecimento em força.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Demonstrar a evolução do emprego do GC no reconhecimento em força;
- Expor as práticas e doutrinas militares;
- Compreender a importância do reconhecimento em força para a inteligência militar.

## 4. DESENVOLVIMENTO

### 4.1 Referencial Teórico

Este trabalho se trata de um projeto teórico baseado em pesquisas bibliográficas acerca do tema tratado, sobretudo, manuais de campanha e cadernos de instrução do Exército Brasileiro.

De acordo com o Manual de Campanha de Operações:

O reconhecimento em força é uma operação de objetivo limitado, executada por uma força ponderável, com a finalidade de revelar e testar o dispositivo e o valor do inimigo ou obter outras informações. (EB70-MC-10.223, 2017, p. 3-4)

Como citado acima, o reconhecimento em força é utilizado quando se quer obter informações do inimigo para poder fazer um planejamento mais detalhado, porém nem sempre podemos utilizar esse método. De acordo com o Caderno de Instrução de Combate, EB70-CI-11.440, 2022: “O GC é a menor fração de combate da F Ter, pois possui a capacidade mínima de manter o fogo, o movimento e o combate aproximado.” O grupo de combate é composto de nove homens, dentre eles um 3º sargento sendo o comandante responsável por desenvolver a liderança e iniciativa desse grupo e sua formação é utilizada em pelotões de infantaria e cavalaria. (EB70-CI-11.440, 2022)

No cenário de operações, um grupo de combate utiliza várias formas de operações, nelas destacam-se dois tipos, sendo elas divididas em ofensivas e defensivas. As Operações Ofensivas (Op Ofs) são:

Operações terrestres agressivas nas quais predominam o movimento, a manobra e a iniciativa, para cerrar sobre o inimigo, concentrar poder de combate superior, no local e no momento decisivo, e aplicá-lo para destruir ou neutralizar suas forças por meio do fogo, do movimento e da ação de choque. Obtido sucesso, passa-se ao aproveitamento do êxito ou à perseguição. (EB70-MC-10.223, 2017, p. 3-1)

Nesse momento, um GC pode realizar vários tipos de operações. Dessa forma, ao utilizar um tipo de Op Ofs, sendo a de Reconhecimento em Força (Rec F), a qual, de acordo com Manual de Campanha de Operações Ofensivas e Defensivas, é definida:

O reconhecimento em força (Rec F) é uma ação executada por uma força com a finalidade de revelar e testar o dispositivo e o valor do inimigo ou obter outras informações. Permite, normalmente, a obtenção de informes de maneira mais rápida e pormenorizada do que outros tipos de reconhecimento. O comandante que conduz tal operação deve estar preparado para explorar prontamente a descoberta de pontos fracos no dispositivo inimigo. O valor da força de reconhecimento deve levar o inimigo a revelar a localização de suas forças em primeiro escalão, o seu dispositivo, o valor e a localização de suas reservas e seus fogos de apoio. (EB70-MC-10.202, 2017, p. 3-6)

Dessa forma, um GC por ser uma fração constituída de baixo efetivo, se torna mais eficaz para o cumprimento da missão, por proporcionar um melhor sigilo devido ao efetivo reduzido, pois uma quantia menor de homens se torna mais difícil de ser descoberta. Dessa forma, é capaz de realizar diversas operações destacadas no terreno, com atenção ao reconhecimento em força, pois o intuito da operação é realizar um levantamento de dados sobre o inimigo, mas para isso deve se ocupar a posição em sigilo, para que surpreenda o inimigo e a fim de observar como se dá a reação do mesmo, com que tipo de armamento ele reage, como a tropa organiza seu dispositivo para responder o fogo assim levantando o grau de adestramento do inimigo.

O reconhecimento em força é método utilizado em sua maioria para inquietar o inimigo e também coletar informações de armamento, dispositivo dentre outras informações para o escalão superior e assim desenvolver um melhor planejamento para evitar ao máximo o número de baixas na operação. Entretanto, esse tipo de operação deve ser feita com o mínimo de militares possíveis para não comprometer a missão e o inimigo sair do local ou o mesmo estar preparado para receber a tropa quando a missão estiver sendo iniciada. Desse modo, por necessitar dessas características, o GC é a melhor fração para o cumprimento dessas tarefas, pois não chama tanta atenção e sua composição é relativamente pequena e favorece a execução da missão como um todo.

O comandante (Cmt) ao preparar a execução de um Reconhecimento em Força deverá levar em conta as seguintes considerações: o breve conhecimento que possui da situação do inimigo, o grau de importância das informações visadas, a eficiência, a agilidade, até que ponto a consolidação do Rec F poderá afetar o sigilo das operações do escalão e do escalão superior e a oportunidade de arriscar-se em um engajamento com o inimigo. (IP 7-35, 1996)

## 4.2 Metodologia

A abordagem metodológica a ser apresentada neste trabalho para o tema debatido, a qual refere-se à participação do grupo de combate no reconhecimento em força, é a pesquisa bibliográfica. Por meio deste procedimento técnico utilizado, coleta de dados em documentação indireta, foram realizadas pesquisas de material já elaborado anteriormente por outros autores para dar suporte ao nosso repertório bibliográfico, utilizando, sobretudo, artigos, revistas e manuais militares acerca do tema. A maneira utilizada para auxiliar no projeto foram as fontes de pesquisa citadas acima para tal não se fez necessário o levantamento de dados numéricos e conseqüentemente a sua análise de dados já que utilizou meios bibliográficos. Dessa forma, este método tem grande vantagem ao abranger uma “gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002)

Para podermos compreender melhor o assunto, utilizamos de uma abordagem qualitativa, que consiste de um estudo amplo sobre o tema da pesquisa, assim:

A análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. (GIL, 2002).

Ou seja, esse processo pode ser classificado “como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.” (GIL, 2002).

No intuito de atingir os objetivos para esclarecer as dúvidas que o tema apresenta utilizamos as seguintes fontes bibliográficas: revistas, artigos já publicados sobre o tema, livros que falam sobre tema debatido, manuais militares retirados principalmente de fontes da internet, onde podemos encontrar o maior número de dados sobre o assunto. Com os dados que foram coletados e apresentado no projeto o intuito é esclarecer e ajudar os altos escalões, e somar na base de dados já existentes, no estudo de aplicação do GC nas operações de reconhecimento em força, de forma que venha esclarecer as mudanças já ocorridas e as futuras evoluções que venham a ocorrer nesse tipo de missão.

### **4.3 O Reconhecimento em Força**

De acordo com o manual de ofensiva e defensiva do exército americano ADP 3-90, o reconhecimento em força é uma operação projetada para descobrir ou testar a força, o dispositivo ou as reações do inimigo. Desde a antiguidade que o reconhecimento em força é empregado de forma constante nos conflitos militares, sendo fundamentais para o desdobramento das operações. Entretanto, o método de emprego dessa forma de reconhecimento foi mudando de acordo com as transformações das táticas de combate aplicadas nos diferentes períodos da história.

No início, o reconhecimento em força era feito por grupos de soldados sem muita organização tática e por elementos a cavalo. A partir da Primeira Guerra Mundial, a guerra tornou-se muito mais dinâmica e complexa, aumentando a necessidade do emprego da inteligência. Sendo assim, a importância do reconhecimento em força se elevou, visto que as evoluções tecnológicas no campo de batalha elevaram o nível defensivo e ofensivo das operações militares. Nos conflitos contemporâneos a tecnologia proporcionou novas formas de reconhecimento em força, principalmente com o advento de novos equipamentos de observação, tudo isso utilizando uma fração menor, porém extremamente capaz de realizar essas missões: o grupo de combate.

Um exemplo de reconhecimento em força utilizado em combate, foi na guerra do golfo, em 1991, nessa ocasião a cavalaria era utilizada em grupos de reconhecimento fazendo frente ao inimigo que estava entrincheirado ou que fazia frente aos blindados do adversário. O conflito aconteceu no deserto, os grupos de cavalaria realizavam ações agressivas à frente do seu exército, de modo que facilitasse o avanço e ajudasse a guiar o ataque. Essa forma de operação possibilitou aos Estados Unidos uma aproximação com riqueza, em que, os detalhes para cerrar sobre o inimigo com maior efetividade e agressividade, fizeram-se importante. Este tipo de doutrina mostrou ao exército americano a importância de um reconhecimento em força poderoso. (JENNINGS, 2020)

### **4.4 O Grupo de Combate**

De acordo com a doutrina militar do Exército Brasileiro, o GC é a menor fração de combate da F Ter, pois possui a capacidade mínima de manter o fogo, o movimento e o combate aproximado, e desse modo, o GC é normalmente dotado de um efetivo de nove homens para manter as capacidades de liderança (comando e controle), habilidade para atirar e manobrar com suas esquadras, letalidade e resiliência. (EB70-CI-11-440, 2022)

Segundo o Major Viktor Potočnik das Forças Armadas da Eslovênia, o surgimento

do GC está diretamente relacionado com o surgimento das metralhadoras, que durante a Primeira Guerra Mundial causou uma paralisação da frente de combate devido ao grande volume de fogos. Com o surgimento das metralhadoras leves implementadas pelos alemães, pequenos grupos de fuzileiros organizados em torno de uma metralhadora leve podiam atacar um objetivo e conquistá-lo.

## **4.5 Emprego do reconhecimento em exércitos estrangeiros**

### **4.5.1 Exército Norte-Americano**

A possibilidade de manter o contato com o inimigo é também um dos fundamentos do reconhecimento previsto na doutrina estadunidense. As forças da Cavalaria assim como as de Infantaria devem buscar e manter o contato e o realizam apoiados por elementos de inteligência. Utilizam os SARP (sensores aéreos e radares de vigilância terrestre), onde também os elementos de inteligência de sinais, de imagem e recursos humanos são largamente utilizados, sendo assim a tecnologia vem agregando aos trabalhos de rec e facilitando o mesmo.

As unidades de inteligência podem fornecer uma gama de suporte para ajudar as forças da Cavalaria na detecção e rastreamento do inimigo, como: imagens e vídeo em movimento fornecidos por SARP ou geolocalização fornecida por coletores de inteligência de sinais. Depois que as unidades de inteligência fazem contato, as forças da Cavalaria o mantêm até que ordens específicas sejam dadas. Manter contato fornece informações em tempo real do DIVALOCOM e ações do inimigo, permitindo que os EM analisem e façam recomendações ao comandante com base na situação atual. (US ARMY, 2015)

### **4.5.2 Exército Espanhol**

A necessidade de prover a segurança em proveito dos escalões incumbidos das operações acompanhou os principais exércitos do mundo, aplicando-se também ao caso espanhol. Com o passar dos anos, notadamente em meados do século XX, paralelamente com a evolução tecnológica, diversos equipamentos foram agregados aos tradicionais meios de busca e obtenção de dados. Assim, o telêmetro laser, o sistema de posicionamento global (GPS) e equipamentos de visão noturna e intensificadores de imagem baseados na luz infravermelha (FLIR), foram incorporados aos meios

tradicionais de reconhecimento, como os esquadrões, as patrulhas de reconhecimento profundo e os apoios de engenharia.

No século XXI, tem se observado o largo emprego de satélites, aeronaves remotamente pilotadas e sensores, como radares de vigilância, no Ejército de Tierra, sem contudo, deixar de empregar o elemento humano na ponta da linha, executando as ações no terreno. (ALVES, 2020)

#### **4.6 A importância do reconhecimento em força para a inteligência militar**

Com a evolução da aplicação das pequenas frações em campo, podemos perceber com facilidade a importância das missões de reconhecimento em força como pilar fundamental para a inteligência militar. A coleta de informações, a retificação e a ratificação de dados em loco ou por meios eletrônicos diversos, como por exemplo o uso de drone ou uso de câmeras públicas ou privadas tem se tornado uma ferramenta essencial para transmitir informações a partir de áreas neutras, sensíveis, hostis, política ou socialmente conturbadas e até mesmo áreas negadas, para alimentar o banco de dados da Inteligência, auxiliar a tomada de decisão do Comando e garantir o bom cumprimento das diversas missões do grupo de combate.

As missões de âmbito GC de reconhecimento em força giram em torno da atuação junto com o seu pelotão na coleta de dados sobre objetivos já especificados pelo escalão responsável. Uma vez recebida a missão, o grupo de combate se desdobra no terreno, para cumprir a missão a ele destinada. Podendo a missão requerer nível de adestramento superior aos encontrados em batalhões convencionais, fazendo assim, ser de extrema importância a atuação dos batalhões de força especiais, com destacamentos especializados em reconhecimento.

Quando a missão leva a fração para missões de campanha, o objetivo do grupo é localizar a posição do objetivo e testar seu poder, valor, dispositivo, condições, terreno, capacidade de resposta inimiga, identificar alvos de alto valor, atividades importantes recentes e atuais, peculiaridades e deficiências. Em terreno, a força de reconhecimento usa de meios próprios para durar na ação até que seu objetivo seja concluído, podendo também fazer uso de recursos locais para aumentar sua capacidade de atuação visando seu objetivo principal que é o de esclarecer a situação, confirmando, refutando, renovando e alimentando o banco de dados da Inteligência. Assim, auxilia, de maneira indispensável, na determinação das possíveis linhas de ação a serem admitidas como executáveis dentro de cada manobra a ser realizada pelo comando.



Em Operações Ofensivas o reconhecimento em força objetiva descobrir o máximo de informações sobre a defesa inimiga, tamanho de sua frente, armas coletivas, calibre, quantidade e tempo de resposta do inimigo e de reforço à inquietação provocada pelo grupo atacante, tendo como produto final a dedução das vulnerabilidades do inimigo. As respostas obtidas pelo reconhecimento em força são fundamentais, pois levam o escalão de comando a tomar as atitudes necessárias em relação ao ataque a ser realizado e quais serão as medidas de coordenação e controle a serem tomadas por cada grupo subsequente ao reconhecimento, uma vez já deduzido os possíveis objetivos do inimigo e tendo uma proposta de ação para cada.

#### **4.7 A evolução do combate até a atualidade**

A evolução sempre esteve presente no mundo em todas as áreas, inclusive na guerra, desde do seu início, onde se realizava as batalhas de campanhas chegando até a 1º Guerra Mundial, com seus conflitos ocorrendo nas trincheiras, posteriormente a 2º Guerra Mundial onde as armas automáticas e armas químicas eram empregadas com uma maior constância. Contudo, a evolução das armas não se fizeram suficiente e para isso, o emprego do reconhecimento, tornou-se necessário para saber as organizações, efetivo e moral da tropa e com isso se preparar para uma ofensiva ou uma defensiva. Devido a esta necessidade, foi fundamental a criação de uma equipe com a função de reconhecer as características do inimigo e recolher informações para serem entregues ao escalão superior.

No início dos reconhecimentos, a utilização de cartas ou mapas para a realização de reconhecimento do terreno era aplicado em conjunto com a bússola com o objetivo de colher todas as informações que são passadas antes da realização da missão, entretanto o número de mortes eram grandes e com isso os inimigos se mostravam sempre estar preparados para esse tipo de operação. Dessa forma, com a adaptação por parte inimiga, a seleção no tipo de pessoas para a realização dessas operações começaram a ser mais severas e obtiveram êxito, pois até hoje o reconhecimento é empregado.

A evolução tecnológica e a importância dada ao reconhecimento possibilitaram o desenvolvimento de grupos de inteligência e adicionadas as equipes de forças especiais, utilizando atualmente o dos mais sofisticados equipamentos, como binóculos com sensor de temperatura, fotos de satélite e principalmente o uso de drones com o propósito de não ocorrer baixas na tropa amiga. A corrida no desenvolvimento desse tipo de equipamento faz com que as potências militares de grandes países criem mais drones inteligentes, pois

em caso de guerra conseguirão levantar o máximo de informação inimiga. Por outro lado, as grandes potências buscam impossibilitar a compra desse produto em caso de guerra pelos países que não tem acesso a esse tipo de equipamento enquanto os países em desenvolvimento, também, de maneira mais tímida criem drones de fabricação própria como é o caso do Brasil.

O Brasil desenvolve algumas aeronaves que possam atender as tendências do mercado e que tenham um custo-benefício que caiba no orçamento militar nacional visto que não existe só esses equipamentos que necessitam de desenvolvimento. Atualmente as aeronaves que atendem essas características são o Carcará 1 e 2, drones usados na obtenção de imagens e mapeamentos de aéreas para adquirir informações. O que os diferenciam são o tempo de voo, sendo de 45 minutos e 90 minutos respectivamente. Os dois drones utilizam o software Santos Lab GCS para plano de voo, que possibilita voos independentes, monitorando áreas já programadas sem qualquer interferência do piloto. Além desses, o modelo Nauru 500C ISR é o que mais atendeu as expectativas em combate, pois ele logrou êxito no pouso e decolagem em áreas hostis e possui um sistema para voo sigiloso, características que são importantes no combate moderno. (JÚNIOR, 2022)

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo apoiou-se, sobretudo, em pesquisas bibliográficas, análise de artigos escritos por outros militares, manuais do Exército Brasileiro e de exércitos estrangeiros, a fim de esclarecer e apresentar conceitos e conhecimentos sobre o assunto abordado.

Foi verificado, por meio deste trabalho, a importância do reconhecimento em força praticados por pequenas frações militares, nesse caso, o grupo de combate. Foi visto, ao analisar artigos e revistas militares, que com o passar do tempo, o grande quantitativo de militares compondo um grupamento vem sendo menos utilizado, afinal, para o combate moderno, o qual as operações ocorrem em cidades, muito próximos a civis, um número maior de integrantes nos grupamentos pode ocasionar um fracasso na missão já que é muito mais fácil de ser identificado pela força oponente. Além disso, é notória a evolução do combate no espectro atual dos conflitos, a utilização de tecnologia de ponta, como drones, está sendo empregada com o objetivo de preservar os recursos humanos das Forças Armadas.

Por fim, considera-se que o objetivo deste trabalho foi atingido, principalmente para servir de fonte de estudo para futuros alunos da Escola de Sargento das Armas e leitores em geral, que buscam informações e explicações a respeito deste tema.

## 6. REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Caderno de Instrução Grupo de Combate**. EB70-CI-11.440. 1 ed. Brasília, DF: COTER, 2022.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Caderno de Instrução Patrulhas**. CI 21-75-1. 1 ed. Brasília, DF: COTER, 2005.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. EB70-MC-10.223. 5 ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Ofensivas e Defensivas**. EB70-MC-10.202. 1 ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Caderno de Instrução Pelotão de Fuzileiros**. CI 7-10/1. 1 ed. Brasília, DF: COTER, 2009.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **O batalhão de Infantaria Leve**. IP 7-35. 1 ed. Brasília, DF: Estado-Maior, 1996.

ESPAÑA. Ministério de Defensa. Ejército de Tierra. **El Combate de la Caballería**. 2006.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters, Department of the Army. **FM 3-98: Reconnaissance and Security Operations**. Washington, 2015.

FERREIRA DA SILVA, Dinalva et al. **Metodologia de pesquisa**. 3 ed. Três Corações: Escola de Sargentos das Armas, 2022.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HENRIQUE ALVES, Tiago. **As operações de reconhecimento no combate moderno, segundo os principais exércitos do mundo**. Rio de Janeiro, 2020

JENNINGS, Nathan. Combate nas Áreas Avançadas: Modernizando o Reconhecimento e Segurança no Exército dos EUA para Conflitos entre Grandes Potências. **Military Review**, Estados Unidos, p. 69-77, 2020. Disponível em: <<https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/Jennings-combate-nas-areas-avancadas-POR-Q3-2020.pdf>>. Acesso em: 26 de ago. de 2022.

JÚNIOR, Altacyr. Drones Brasileiros Atuais – Parte 1. **Hoje no Mundo Militar**, 2022. Disponível em: <<https://hojenomundomilitar.com.br/drones-brasileiros-atuais-parte-1/>>. Acesso em: 02 de set. de 2022.

POTOCNIK, Viktor. Grupo de Combate: Elemento Básico de Emprego da Infantaria. **Military Review**, Estados Unidos, p. 54-62, 2018. Disponível em: <<https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/Potocnik-O-Grupo%20de-Combate-GC-Elemento-Basico-de-Emprego-da-Infantaria-POR-Q4-2018.pdf>>. Acesso em: 15 de abr. de 2022.